



A noite passada sonhei com mercúrio — enormes glóbulos cintilantes de mercúrio que subiam e desciam. O mercúrio é o elemento número 80 e o meu sonho veio lembrar-me que na próxima terça-feira eu próprio terei oitenta anos.

Os elementos e os aniversários estiveram entretecidos para mim desde o tempo, nos meus jovens anos, em que tomei conhecimento dos números atômicos. Aos onze anos, podia assim dizer: “Sou sódio” [elemento 11] e hoje, aos setenta e nove, sou ouro. Há uns anos, quando dei a um amigo um frasco de mercúrio por ocasião do seu octogésimo aniversário — um frasco especial que não vazava e inquebrável —, ele lançou-me um olhar estranho, mas, mais tarde, recebi dele uma carta encantadora, que gracejava: “Tomo uma dose todas as manhãs para me fazer bem à saúde.”

Oitenta! Quase não posso acreditar. Sinto muitas vezes que a vida está a começar, só para a seguir me dar conta de que está quase no fim. A minha mãe era a décima sexta de dezoito filhos; eu fui o mais novo dos

quatro filhos dela e quase o mais novo da vasta coleção de primos do seu lado. Fui sempre o rapaz mais novo da minha turma no secundário. E conservei esta impressão de ser o mais novo, ainda agora que sou quase a pessoa mais velha de entre as que conheço.

Aos quarenta e um anos, pensei que iria morrer, quando, numa expedição solitária de montanhismo, dei uma queda grave e parti uma perna. Improvisei umas talas para a perna o melhor que podia e comecei a arrastar-me montanha abaixo, desajeitadamente, à força de braços. Durante as longas horas que se seguiram, fui assaltado por recordações — recordações boas e más. Na sua maior parte, contudo, traziam consigo um sentimento de gratidão: gratidão pelo que os outros me tinham dado, gratidão também por ter podido retribuir dando alguma coisa, pelo meu lado. *Despertaes*, o meu segundo livro, fora publicado no ano anterior.

Prestes a fazer oitenta anos, com meia dúzia de problemas médicos e cirúrgicos, mas nenhum deles incapacitante, sinto-me contente por estar vivo: “Ainda bem que não estou morto!” — é uma exclamação que irrompe de mim quando está um tempo perfeito. (E contrasta com outra história, contada por um amigo meu, que, ao caminhar por Paris com Samuel Beckett numa perfeita manhã de primavera, disse a este: “Um dia assim não faz com que te sintas contente por estar vivo?”, ao que Beckett respondeu: “Eu não iria tão longe.”) Sinto gratidão por ter experienciado muitas coisas — algumas maravilhosas, algumas horríveis — e por ter podido escrever uma dúzia de livros, ter recebido inúmeras cartas de

amigos, colegas e leitores, e ter gozado aquilo a que Nathaniel Hawthorne chamava “união com o mundo”.

Lamento ter desperdiçado (e ter continuado a desperdiçar) tanto tempo; lamento ser tão aflitivamente tímido aos oitenta anos como era aos vinte; lamento não falar outras línguas além da minha língua materna e não ter viajado para conhecer ou ter a experiência de outras culturas tanto como deveria ter feito.

Sinto que devo tentar completar a minha vida, seja o que for que “completar uma vida” queira dizer. Alguns dos meus pacientes na casa dos noventa ou dos cem anos dizem: *nunc dimittis* — “Tive uma vida cheia e agora estou pronto para partir”. Para alguns deles, isto significa ir para o céu — trata-se sempre mais do céu do que do inferno, embora Samuel Johnson e James Boswell tremessem só de pensar na condenação ao inferno e tomassem como alvo da sua ira David Hume, que não alimentava crenças desse género. Não acredito em (nem desejo) qualquer existência *post mortem*, exceto na memória dos amigos e na que está implícita na esperança de que alguns dos meus livros possam continuar a “falar” aos outros depois da minha morte.

W. H. Auden disse-me muitas vezes que pensava viver até aos oitenta anos e, depois, “ir andando” (de facto, viveu somente até aos sessenta e sete anos). Embora tenham passado quarenta anos desde a sua morte, sonho frequentemente com ele, bem como com os meus pais e pacientes de outrora — todos eles desaparecidos há muito tempo, mas que eu amei e foram importantes na minha vida.

Aos oitenta anos, ronda-nos o perigo da demência senil ou de um AVC. Uma terça parte dos nossos contemporâneos morreram e muitos mais, sofrendo de uma deterioração mental ou física profunda, foram reduzidos à condição de prisioneiros de uma trágica forma de existência mínima. Aos oitenta anos, as marcas do declínio não podem deixar de ser demasiado visíveis. As nossas reações são um pouco mais lentas, os nomes escapam-nos com maior frequência e torna-se forçoso que poupemos mais as nossas energias, mas, apesar de tudo isso, podemos sentir-nos por vezes cheios de energia e de vida e, de maneira nenhuma, “velhos”. Talvez, se a sorte me ajudar, eu possa manter-me, mais ou menos intacto, por alguns anos mais e gozar da liberdade de continuar a amar e a trabalhar, que, como Freud insistia em afirmar, são as duas coisas mais importantes da vida.

Quando chegar a minha vez, tenho a esperança de poder morrer a trabalhar, como morreu Francis Crick. Quando lhe disseram que o seu cancro no cólon tornara a aparecer, Crick, no primeiro momento, não disse nada: deixou-se simplesmente ficar, por um minuto, de olhos postos na distância e, a seguir, retomou o fio dos seus anteriores pensamentos. Quando o interrogaram sobre o seu diagnóstico, passadas algumas semanas, disse: “Tudo o que começa acaba por ter fim.” E quando morreu, aos oitenta e oito anos, continuava plenamente empenhado no seu trabalho mais criativo.

O meu pai, que viveu até aos noventa e quatro anos, dizia muitas vezes que a casa dos oitenta fora uma das

décadas mais gratificantes da sua vida. Sentia, como eu começo a sentir, não um confinamento, mas uma extensão das suas perspetivas e da sua vida mental. Tivemos uma longa experiência da vida, não só da nossa própria vida, mas também da dos outros. Vimos triunfos e tragédias, altos e baixos, revoluções e guerras, grandes realizações e profundas ambiguidades. Vimos emergir teorias grandiosas, que não obtiveram senão desmentidos por parte da teimosia dos factos. Tornamo-nos mais conscientes da transitoriedade e, talvez, da beleza. Aos oitenta anos, podemos aceder a uma visão mais ampla e alcançamos um sentido vivo e vivido da história que não é possível noutras idades. Posso imaginar, sentir nos ossos, o que é um século, coisa que me seria impossível aos quarenta ou aos sessenta anos. Não penso na velhice como uma época cada vez mais sombria que de certo modo teremos de suportar e enfrentar da melhor maneira possível, mas como uma época de tempo livre e de liberdade, um tempo que nos liberta das falsas urgências de anos anteriores — um tempo que me deixa livre de explorar o que desejo e de reunir e unificar todos os pensamentos e sentimentos de uma vida inteira.

É com esperança que aguardo os oitenta anos.